

O CARÁTER DA POSPOSIÇÃO DO SN EM CONSTRUÇÕES MONO-ARGUMENTAIS NO PORTUGUÊS FALADO EM FLORIANÓPOLIS

IZETE LEHMKUHL COELHO
(Universidade Federal de Santa Catarina)

1. Introdução

Este trabalho busca fazer uma análise variacionista da ordenação do SN em construções declarativas mono-argumentais de oito (08) entrevistas de Florianópolis, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul), tentando aproximar o saber teórico da variação (cf. Labov 1972) às conquistas do modelo de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981), conforme proposta pioneira de Tarallo (1987) e Tarallo & Kato (1989). Na tentativa de demonstrar que um estudo quantitativo pode contribuir para o tratamento formal das questões lingüísticas, pretendemos verificar quais os fatores que determinam a ordem SN V e V SN. Entendemos que, como procedimento de descoberta, a noção de variável corresponde a um recurso capaz de verificar as restrições que inibem ou favorecem o uso de uma ou outra variante, bem como de indicar os processos gramaticais subjacentes.

Com relação à ordem dos constituintes, o Português do Brasil (doravante PB) é considerado predominantemente SV(O), conforme estudos de Votre e Naro (1984), Nascimento (1984), Lira (1986; 1996), Berlinck (1988; 1989; 1995), Kato & Tarallo (no prelo) já revelam. Os resultados apontados estão tradicionalmente ligados à idéia de que a ordem V SN se associa a princípios de natureza variada que mantêm relações específicas entre si. Há, por exemplo, uma correspondência entre transitividade verbal e ordem dos constituintes. Quanto menos transitivo um verbo é, maior a possibilidade de posposição de seu SN sujeito. Quanto mais transitivo é, menor essa possibilidade. De modo geral, a mono-argumentalidade é indicada como um fator favorável à ocorrência de V SN. Esse é, de fato, o ponto central da discussão deste trabalho.

Nosso objetivo é apontar alguns resultados de pesquisa e das reflexões que sobre eles se fez, comparando fatores sobre a natureza do verbo mono-argumental e a natureza do SN. Nossa expectativa é de que o verbo mono-argumental guarda distinções internas significativas em relação à ordem dos constituintes, em virtude de sua natureza heterogênea. As hipóteses que se inserem neste trabalho tentam responder às seguintes questões: Em quais os contextos a ordem V SN é favorecida? Qual é o estatuto dos verbos que permitem SNs pospostos? E qual é o estatuto desses SNs?

Nosso trabalho está assim organizado: na seção 2., são discutidos os pressupostos teóricos que permitem levantar as hipóteses relacionadas à natureza do verbo mono-argumental e à natureza do SN, a saber: em primeiro lugar é discutida a hipótese inacusativa, segundo a perspectiva de Burzio; na seqüência, trazemos a discussão de Jackendoff a respeito da composição semântica dos verbos e por fim a hipótese de Belletti a respeito do efeito de definitude do SN (doravante DE). Essa discussão é indispensável para o elencamento dos fatores que condicionam a ordem dos constituintes; assunto que será tratado na seção 3.

2. Pressupostos teóricos

2.1. Tipo categorial dos verbos mono-argumentais

As descrições da sintaxe do português admitem habitualmente a existência de dois tipos básicos de construções: as transitivas e as intransitivas. A primeira multi-argumental e a segunda mono-argumental. Entretanto, alguns trabalhos já apontam que a classe dos verbos mono-argumentais não é uma classe homogênea, é constituída de, pelo menos, duas classes que manifestam distinções significativas, do ponto de vista sintático e do ponto de vista semântico. A existência de uma classe de verbos mono-argumentais diferentemente da classe dos verbos intransitivos foi tratada, pela primeira vez, por Perlmutter (1976; 1980)¹, dentro do quadro da Gramática Relacional e seguida por um certo número de autores; entre eles Burzio (1986) merece destaque, por introduzir o conceito de inacusatividade dentro do modelo de Princípios e Parâmetros.

A explicação de Burzio (1986), a respeito do critério de inacusatividade, também se fundamenta nas explicações de Chomsky (1981) para as construções passivas. A morfologia passiva, segundo Chomsky, tem a propriedade de bloquear a atribuição da função temática externa à posição de *spec* de VP. E, além de não projetar uma função temática externa, o verbo passivo, devido a sua morfologia específica, perde a capacidade de atribuir Caso acusativo. Com base nessas duas propriedades da construção passiva, e observando que as construções com verbos como *chegar*, *faltar*, *acontecer* manifestam efeitos semelhantes aos da passiva, Burzio propõe a seguinte generalização 'um verbo atribui uma função temática externa se e somente se atribui Caso acusativo', formalizando o que fica sendo conhecido na literatura como a *generalização de Burzio*.

Decorrente do fato de não ter recebido Caso em sua posição de base, o argumento de um verbo inacusativo move-se para a posição de *spec* de IP, onde lhe é atribuído Caso nominativo, deixando um vestígio na posição de origem, uma posição não casual e temática, como está representada em (1):

- (1) O palácio do governo _i funcionava t _j lá no centro (FLP 18, l. 582)²
- | | |
|-------|-------|
| não-∅ | ∅ |
| K | não-K |

A generalização de Burzio explica as diferenças entre os verbos intransitivos e inacusativos e implica dizer que os verbos intransitivos, assim como os verbos transitivos, têm a capacidade de atribuir Caso acusativo, contrariamente aos verbos inacusativos. Essa possibilidade tem seu reflexo nos objetos cognatos, possíveis de ocorrer com os verbos intransitivos, como em (2a); e impedido em construções com verbos inacusativos, como em (2b):

- (2) a. A gente dançava uma dança espanhola a noite inteira
 b. *O palácio do governo funcionava um funcionamento precário lá no centro

A proposta de inclusão de uma classe de verbos inacusativos à tradição gramatical assenta-se, portanto, em uma correlação entre a não-atribuição de papel temático à posição de *spec* de VP (posição externa a V'), e a não-atribuição de Caso acusativo ao SN em posição de objeto (posição interna a V'). Isso significa que as estruturas inacusativas diferem das estruturas intransitivas em dois pontos: (1) só exibem uma posição temática, a posição interna a V'; (2) ao SN dessa posição interna não é atribuído Caso acusativo.

Mas afinal, quais são as evidências semânticas para se considerar um SN de função temática externa ou interna? É importante ressaltar que falar em função temática externa implica falar em relações temáticas que não funcionam como tema; enquanto que falar em função temática interna em relações que não funcionam como agente. A existência ou não de um argumento tema constitui um critério semântico suficiente para distinguir os dois tipos de verbos mono-argumentais. Para tratar com mais detalhe dessa questão, vamos adotar a proposta de Jackendoff a respeito da composição semântica do verbo, que será discutida no item 2.2.

Com relação a uma língua como o PB, a literatura mostra que parece existir evidências empíricas para se considerar esses dois tipos de verbos mono-argumentais. Mioto (1994) afirma, por exemplo, que um ponto a favor dessa hipótese é a explicação para a posição pós-verbal do SN que, presumivelmente, é mais freqüente com verbos inacusativos do que com verbos intransitivos. A

posição pós-verbal desses sintagmas é compatível com a do argumento interno, segundo o autor, o que pode ser verificado em (3):

- (3) a. às vezes tinha cada buraco que faltava **um sarrafo** (FLP 18, l. 236)
 b. Passava **um carro** eu acho que de três em três horas (FLP 04, l. 93)

Uma outra questão que tem sido muito discutida na literatura diz respeito à atribuição de Caso nominativo a um SN pós-verbal. Burzio postulou uma estrutura com um pronome expletivo na posição de sujeito, co-indexado ao SN pós verbal, para indicar a formação de uma CADEIA de Caso³ e assim explicar como o Caso nominativo pode ser atribuído a um argumento naquela posição. Essa estrutura, segundo o autor, está representando tanto a relação de cadeia de um SN que está na posição de objeto de um verbo inacusativo, como em (4a); quanto a de um SN que está em uma posição de adjunção, posição deslocada à direita⁴, como em (4b):

- (4) a. às vezes tinha cada buraco que (**pro**)_i faltava **um sarrafo** _i
 b. (**ela**)_i trabalhou [ali na] aqui na maternidade **a Regina** _i

Porque há exatamente uma cadeia, com um argumento e um papel temático, em ambos os casos:

- (5) [**pro** (expI)]_i [V SN_i]
 IP SV

Assim, como todo SN portador de papel temático precisa receber Caso, pela Condição de Visibilidade, Burzio propôs que o objeto temático de um verbo inacusativo fosse marcado com o Caso nominativo, via CADEIA [**pro**_i SN_i], dada a sua co-indexação com um pronome expletivo (realizado ou não realizado foneticamente) na posição de sujeito. Nessa CADEIA, o Caso é atribuído ao pronome expletivo na posição de sujeito e o papel temático ao SN lexical na posição de objeto.

Uma outra evidência é a concordância do verbo com o SN pós-verbal. Segundo o autor, a atribuição de nominativo também se justifica pela manifestação dos traços de concordância (nem sempre presente em uma língua como o PB), e a explicação dada pelo modelo é a seguinte: o elemento de concordância que faz parte da flexão se desloca para o interior do VP, podendo assim atribuir Caso nominativo ao SN que ocupa a posição de objeto.

Dadas tais evidências, vamos assumir a generalização de Burzio como um universal lingüístico e, verificar no decorrer deste trabalho se, de fato, o fenômeno da inacusatividade pode explicar a posposição do SN em uma língua como o português. Para tanto, vamos levantar o fator *tipo categorial do verbo* a fim de testar a hipótese, que se relaciona exclusivamente ao componente interno da língua, de que a mono-argumentalidade não é condição suficiente e necessária à posposição, uma vez que as construções inacusativas propiciam uma maior liberdade de ordenação de seu argumento nuclear, enquanto diminui a variação à medida que os contextos passam a ser relativamente "mais transitivos" (construções intransitivas).

2.2. Composição semântica do verbo

Um trabalho central sobre a estrutura semântica do SN e o papel que desempenha na análise sintática é o de Jackendoff (1976). O autor apresenta uma proposta de semântica gerativa, partindo das relações semânticas dos sintagmas nominais, para a composição semântica dos verbos. Apresenta cinco noções básicas como proposta de uma teoria interpretativa *standard*: essas noções estão relacionadas aos verbos de movimento, punctuais ou de localização, durativos, agentivos causativos e agentivos permissivos. Elas são representadas através das funções semânticas GO (x, y, z), BE (x, y), STAY (x, y), CAUSE (x, e) e LET (x, e), respectivamente.

A proposta de Jackendoff é, de fato, a de um esquema conceptual abstrato, com um número restrito de funções temáticas. As relações entre SNs e verbos por ele propostas são denominadas de relações temáticas, nome que recebem por ser o tema a relação principal nesta teoria. O autor propõe que em todas as sentenças há um SN funcionando como tema. Vejamos como essas funções estão representadas numa língua como o PB, em busca de uma variação inter-lingüística.

A noção de tema vincula-se a verbos de localização espacial (cf. (6a)); a verbos que denotam movimento ou troca na posse de um objeto (cf. (6b)) e a verbos que exprimem uma concepção abstrata ou psicológica de movimento ou localização, como por exemplo a noção de posse (cf. (6c)), etc.

- (6) a. **As pedras**, chegando nesse ponto, (hes.) ficavam muito dentro da água (FLP 01, l. 1044)
 b. O mar, aqui no Bairro da Prainha, **ele** vinha até a Assembléia (FLP 18, l. 522)
 c. Até que chegou um dia que eu ganhei uma sombrinha linda (FLP 01, l. 282)

Outras funções temáticas propostas pelo autor são as de agente, origem e meta. A função de agente é desempenhada pelo SN animado e intencional, e cuja vontade é responsável pela ação descrita, tanto na função semântica de causa como na de permissão. Em (7a), o SN *O diretor financeiro da TELESC* é o agente causativo e em (7b), o SN *o meu avô* é o agente permissivo:

- (7) a. **O diretor financeiro da TELESC** aplicava o dinheiro na conta dele (FLP 20, l. 560)
 c. **E o meu avô** não deixava nós ir, mas a gente sempre ia (FLP 01, l.879)

As funções de origem e meta estão relacionadas, são funções atribuídas pelo verbo de movimento ao ponto de partida e ao ponto de chegada do movimento:

- (8) **Então o trapiche** ia até **o mar**, né? (FLP 24, l. 339)

Em (8), O SN *o trapiche* é o tema, o que descreve a origem não está especificado e o que descreve a meta é *o mar*. Para o autor, a relação fundamental que serve de base para a discussão dos papéis temáticos do SN se dá entre a forma como o verbo expressa a situação e o tipo de argumento externo ou interno que ele pede. O verbo determina o número de argumentos e a função semântica que eles expressam. Ele é, portanto, o núcleo em torno do qual se organiza uma predicação.

Adotando a terminologia de Jackendoff, vamos reunir as noções semânticas GO, STAY e BE que apresentam o argumento nuclear *tema* de um lado e as noções em que o argumento nuclear é um agente (noções como as de CAUSE) de outro, dentro do fator composição semântica dos verbos. Nossa expectativa é de que o SN *tema* admita com maior frequência a posposição, enquanto o argumento *agente* iniba essa ordem. Além disso, comparando esse fator com o fator que controla o tipo categorial do verbo, especialmente se se trata de um argumento de um verbo inacusativo ou de um verbo intransitivo, talvez seja possível definir quais os contextos que estão mais propícios à posposição.

2.3. Traços de definitude do SN

Para investigar traços de definitude do SN fomos buscar evidências teóricas em estudos de Bittencourt (1979), Nascimento (1984), Belletti (1988), Kato & Tarallo (no prelo), que tratam das restrições sobre os SNs definidos, o fenômeno chamado *Definiteness Restriction* (DR). Enquanto Bittencourt procura explicar a aparente obrigatoriedade de V S com verbos existenciais em função de restrições semânticas associadas a um SN indefinido e Nascimento alega que a DR atua em

sentenças apresentativas, independentemente de sua natureza intransitiva ou inacusativa; Belletti trabalha com a hipótese de que a DR atua somente em construções inacusativas, devido à necessidade de atribuição de Caso partitivo⁵ ao SN pós-verbal. A autora estabelece uma correlação entre a propriedade casual dos verbos inacusativos e a DR, dado que o Caso partitivo só é compatível com sintagmas que podem ser interpretados como parte de um conjunto.

Apesar de diferirem em perspectiva, estudos empíricos como os de Lira (1986; 1996) e Berlinck (1988; 1989; 1995) revelam resultados similares, ao concluírem que a posposição é mais provável com sujeitos constituídos de pronomes indefinidos ou de SNs com artigos indefinidos, correlacionando os verbos existenciais com a DR. Para tentar levantar evidências de que o grupo de traços de definitude guarda restrições significativas com relação à ordem dos constituintes, algumas questões aqui se levantam: o fenômeno da DR é significativo em PB com relação à ordem dos constituintes? Ele atua tanto em construções intransitivas como em construções inacusativas?

Considere agora exemplos de dados extraídos do banco VARSUL, para tecermos algumas hipóteses:

- (9) a. **E o meu avô** também morou muitos anos aqui (FLP 04, l. 54)
 b. Mas até imaginar como é que **chacrete** dançava, já ia, né? aí já demorava um tempão. (FLP 01, l. 249)
- (10) a. Chegou **um telegrama** pra ti, urgente. (...)
 b. **O telegrama** veio de Criciúma (FLP 03, l. 855)

Com relação às construções intransitivas, os exemplos em (9) mostram que tanto a leitura mais definida como a leitura menos definida apresenta o mesmo comportamento: o SN manifesta-se preferencialmente à direita do verbo. Do contrário, quando permitem a ordem inversa, como (11b) ilustra, constituem estratégias de que o falante se utiliza para retomar constituintes já conhecidos, uma estratégia de deslocamento do sujeito, que na sintaxe gerativa é conhecida como adjunção a VP.

- (11) a. * E também morou **o meu avô** muitos anos aqui
 b. E **(ele)** também morou muitos anos aqui **o meu avô**

Diferentemente, as construções inacusativas admitem o SN pós-verbal com maior liberdade, principalmente quando ele é indefinido. Seguindo a hipótese de Belletti, poderíamos dizer que em (10a) o argumento interno do verbo *chegar* não foi alçado para a posição de *spec* de IP porque o SN indefinido está licenciado pelo Caso partitivo; enquanto que em (10b), o argumento do verbo *vir* precisou

ir para a posição de *spec* de IP a fim de garantir a atribuição de Caso nominativo, deixando um vestígio na posição de base, como está representado em (12):

(12) O telegrama _j veio _{t_i} de Criciúma

A ordem do SN em construções do tipo (10) relaciona-se diretamente aos traços de definitude do SN: SN menos definido e ordem V SN; SN mais definido e ordem SN V. Tudo leva a crer que a DR está atuando apenas nos verbos inacusativos. Se o SN de (10a) fosse definido a sentença se degradaria sensivelmente, como em (13a), a não ser que lhe fosse dada uma leitura focalizada, como em (13b):

(13) a. ? Chegou o telegrama pra ti, urgente. (...)
 b. Chegou O TELEGRAMA pra ti, (e não o telefonema)

Dadas as evidências de que existe uma incompatibilidade entre o SN definido e a posição pós-verbal de construções inacusativas no PB, vamos testar a hipótese de definitude de Belletti e levantar o fator traço de definitude do SN⁶ como um dos fatores que possivelmente pode condicionar a ordem SNV ou V SN. Nossa expectativa é de que SNs menos definidos vão se manifestar mais à direita de um verbo inacusativo; enquanto SNs mais definidos vão privilegiar a ordem SN V ou vão estar na posição deslocada à direita, seja de um verbo intransitivo, seja de um verbo inacusativo.

Ao levantar este fator como um dos possíveis condicionadores da ordem V SN, precisamos estabelecer critérios semânticos claros a respeito do que tomaremos como SN definido e do que tomaremos como SN indefinido. Utilizaremos aqui a distinção proposta por Mateus et alli (1989), segundo a qual as operações de determinação do referente designam expressões de individuação (um único objeto identificado) e expressões indefinidas.

Nessa proposta das autoras, o escopo da definitude é ampliado para referentes mais ou menos específicos também. Às expressões de individuação correspondem os nomes próprios, os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos e os nomes comuns anteceditos de artigo definido, determinante possessivo ou demonstrativo. Esses SNs serão tratados como SNs definidos [+específicos]. Às expressões singulares indefinidas, por outro lado, correspondem o uso específico e o uso não-específico ou intensional de um referente. O primeiro é compatível com a ocorrência de *certo* ou *determinado*, como o exemplificado em (14a); o último, não é compatível, como em (14b) (esses exemplos são retomados das autoras, cf. p. 63).

- (14) a. Comprei um disco do Reggiani. Neste disco ele canta 'Le Déserteur'
(Comprei um certo/determinado disco do Reggiani)
- b. Quero viver numa casa com sótão. *Essa casa fica em Campo de Ourique.
(*Quero viver numa certa/determinada casa com sótão)

As expressões plurais também podem ser definidas ou indefinidas. Quando a parte plural do conjunto-base designa todos os indivíduos referidos é determinada e considerada universalmente. É importante salientar também que expressões de quantificação universal do tipo *qualquer, cada, todo(a)* têm como referente a totalidade do conjunto-base, seja quando exprimem verdades acerca do mundo, seja em aforismos ou provérbios, nesse caso serão tratadas como expressões definidas [-específicas].

Quando, no entanto, nas expressões plurais indefinidas a parte plural extraída é determinada quantitativamente, segundo as autoras, observam-se duas propriedades: se o especificador nominal for um numeral, elas são determinadas e se o especificador dá uma informação adicional sobre o plural (*multos, poucos, bastante*, etc.) elas são não-determinadas. No primeiro caso teremos o que podemos chamar de SN indefinido [+específico], e no segundo caso, SN indefinido [- específico].

3. Descrição dos resultados

Os percentuais obtidos pela quantificação de 1099 sentenças declarativas são relevantes. É notável a correlação entre ordem do SN e tipo categorial do verbo: há uma associação entre as construções intransitivas e a ordem SN V; inversamente, a posposição do SN se restringe a contextos mono-argumentais de construções inacusativas (cf. tabela 1). Isso conduz a uma discussão a respeito dos trabalhos que apontam o ambiente da mono-argumentalidade como um ambiente propício à posposição, e, em consequência, a uma redefinição da classe dos verbos mono-argumentais.

| Tipo categorial do verbo mono-argumental | Verbo intransitivo | | Verbo inacusativo | |
|--|--------------------|----|-------------------|----|
| | Total | % | Total | % |
| Ordem SN V | 285/294 | 97 | 529/805 | 66 |
| Ordem V SN | 09/294 | 03 | 276/805 | 34 |

Tabela 1: Frequência de ocorrência SN V/V SN, segundo o tipo categorial do verbo

97% dos verbos intransitivos se manifestam em construções de ordem direta SN V; esse resultado assemelha-se aos resultados relativos aos verbos transitivos, obtidos por Lira (1986, 1996) e Berlinck (1988, 1989, 1995). Do contrário, só nos contextos inacusativos que se evidencia a variação: 66% de ordem SN V para 34% de ordem V SN.

Além disso, como o tipo categorial do verbo correlaciona-se diretamente com a sua função semântica, vamos medir o fator composição semântica do verbo, a fim de um melhor detalhamento sobre os resultados apresentados na tabela 1. A relevância desse fator não é própria, mas derivada da relação entre o verbo e sua grade temática. Existem realmente pontos de contato, poderíamos até dizer que é um caso de implicação, o fator composição semântica do verbo manifesta as funções temáticas dos sintagmas que são especificadas pela grade temática do verbo: os verbos intransitivos vão selecionar um SN que não pode ser tema; enquanto os verbos inacusativos, um SN que não pode ser agente. Esses últimos compreendem as funções semânticas GO, STAY e BE, de acordo com a proposta de Jackendoff.

Para medir a força de cada um dos elementos dentro do fator composição semântica do verbo, foram tratadas as funções semânticas CAUSE, GO e STAY/BE separadamente, por apresentarem comportamentos distintos; a primeira, atribuída por verbos de ação, designa o papel temático agente ao SN selecionado e as três últimas o papel temático tema, porém com certas especificidades. Enquanto a função GO é atribuída por verbos tratados pela gramática tradicional como verbos de movimento; a função STAY e a função BE são atribuídas por verbos de duração e localização⁷, verbos estáticos. Essas diferenças também se manifestam na ordem dos constituintes e estão apresentadas na tabela 2, abaixo.

| Composição semântica dos verbos | Função semântica CAUSE | | Função semântica GO | | Funções semânticas STAY e BE | |
|---------------------------------|------------------------|----|---------------------|----|------------------------------|----|
| | Total | % | Total | % | Total | % |
| Ordem SN V | 285/294 | 97 | 362/424 | 86 | 168/383 | 44 |
| Ordem V SN | 09/294 | 03 | 62/424 | 14 | 215/383 | 56 |

Tabela 2: Frequência de ocorrência SN V/V SN, segundo o fator composição semântica dos verbos

Os índices de frequência sugerem que há uma correspondência direta entre os verbos do tipo CAUSE e os verbos intransitivos, em relação à ordem dos constituintes; conforme os resultados obtidos na tabela 1 e 2, evidenciando que

um verbo intransitivo seleciona argumentos preferencialmente [+agentivos]. Já os verbos do tipo GO e do tipo STAY/BE comportam-se diferentemente, há uma progressão observada nos resultados: enquanto o SN tema, relacionado à função semântica GO ocorre, preferencialmente, à esquerda dos verbos; o SN tema, relacionado às funções semânticas STAY/BE, ocorre mais à direita dos verbos. Em relação aos verbos do tipo GO, o resultado confirma que seu comportamento mais se assemelha ao dos verbos do tipo CAUSE. Entretanto, evidências empíricas apontam que ora esse tipo de verbo parece manifestar um caráter intransitivo, ora um caráter inacusativo, conforme podemos observar em (15a) e (15b), respectivamente:

- (15) a. quando *nós* chegamo lá em Taió, uma cidade escura, não tinha um hotel, não tinha nada pra dormir (FLP 03, l. 882)
 b. Aí, depois de cinco anos é que veio a nomeação pra nós (FLP 05, l. 75)

Em (15a) podemos dizer que o SN *nós* manifesta um certo grau de agentividade, talvez isso se deva ao fato de ser um SN [+animado]; enquanto que o SN [-animado] *a nomeação* em (15b) é, certamente, um tema. Se de fato há diferenças de papel temático entre os exemplos acima (agente/tema), esse tipo de verbo precisa de um tratamento especial. É necessário, portanto, fazer o cruzamento do grupo de fatores composição semântica dos verbos com o fator animacidade do SN, a fim de apreender as relações existentes entre eles em termos de frequência.

Além disso, é apenas no comportamento dos verbos inacusativos, e, em especial, daqueles que apresentam a função semântica STAY/BE, que se evidencia a variação e outra questão aqui se levanta: por que nessas construções é possível ocorrer a ordem SN V e V SN? O que determina a escolha de uma e outra ordem? Algumas respostas a esses questionamentos poderão ser levantadas ao examinarmos os traços de definitude do SN.

Considere (16)

- (16) a. No fim de quarenta, eu fui para o Rio de Janeiro (FLP 06, l. 11)
 b. Porque os assaltantes, vêm tudo de fora (FLP 06, l. 506)
 c. Ali funcionava um local chamado (hes.) Miramar (FLP 18, l. 169)
 d. nesse ônibus o que é que ia? Ia galinha, ia porquinho, ia pinto (FLP 18, l. 668)

Nos exemplos (16a) e (16b), os SNs [+definidos], *eu* e *os assaltantes tudo*, são mais e menos específicos, respectivamente. No primeiro caso, o pronome

corresponde a uma expressão de individuação; e, no segundo caso, o quantificador universal reforça a quantidade do conjunto base, mas não específica, conforme Mateus et alli. No exemplo (16c), o SN [-definido] salienta o uso específico de um certo ou determinado local (um local chamado Miramar). E no exemplo (16d), os SNs *galinha*, *porquinho*, *pinto* correspondem a SNs menos específicos que não manifestam traço formal de definitude. Nos primeiros exemplos, quando os SNs são mais definidos, a ordem mais freqüente é a direta e nos últimos, quando são menos definidos, a ordem inversa é a mais determinante. Os resultados da tabela 3 reproduzem a tendência apontada pelos exemplos acima, no que se refere aos traços de definitude e de especificidade do SN.

| Traços de definitude do SN | SN [+def] e [+esp] | | SN [+def] e [- esp] | | SN [-def] e [+esp] | | SN [-def] e [- esp] | | SN 'bare' | |
|----------------------------|--------------------|----|---------------------|----|--------------------|----|---------------------|----|-----------|----|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Ordem SN V | 495/530 | 93 | 253/323 | 78 | 40/91 | 44 | 08/48 | 17 | 18/107 | 17 |
| Ordem V SN | 35/530 | 07 | 70/323 | 22 | 51/91 | 56 | 40/48 | 83 | 89/107 | 83 |

Tabela 3: Freqüência de ocorrência SN V/ V SN, segundo o traço de definitude do SN

É importante ressaltar que a freqüência de 3% de SNs pós-verbais com verbos intransitivos corresponde a SNs mais definidos e mais específicos, e, nesse caso, a leitura do SN é compatível à estratégia de deslocamento do sujeito, em que o SN está co-indexado a um pronome expletivo em *spec* de IP. A distribuição dos demais SNs pós-verbais, definidos ou indefinidos, corresponde às construções inacusativas.

Quando o SN apresenta um alto grau de definitude, contendo traços [+definido] e [+específico], a ordem SN V é a mais recorrente, um total de 93%; enquanto que quando o SN apresenta um baixo grau de definitude, SN [-definido], [-específico] ou SN *bare*, a ordem V SN é a preferida (83%). Isso parece apontar para uma distribuição complementar: 1) à medida que o SN é menos definido e menos específico, diminui o número de ocorrências de ordem direta (SN V) e aumenta o número de ocorrências de ordem inversa (V SN); 2) à medida que é mais definido e mais específico, aumenta o número de construções antepostas e diminui o número de construções pospostas. Esse resultado vem mostrar que a hipótese da DR manifesta-se em construções inacusativas no PB.

4. Considerações finais

Embora preliminares, os resultados já apontam que a determinação da ordem SN V/ V SN em construções mono-argumentais no PB, particularmente na

variedade falada em Florianópolis, é função básica do tipo de verbo e do complexo de traços que define seu argumento externo/interno. Vale ressaltar, ainda, que o fenômeno da variação manifesta-se, principalmente, em construções inacusativas.

Em relação ao caráter dos SNs pós-verbais, parece que não estamos às voltas com uma única posição pós-verbal do SN, mas com diversas posições que têm na sintaxe diferentes funções e diferentes interpretações. Faz-se necessário, portanto, que apresentemos mais evidências empíricas das possíveis posições do SN, das propriedades que as distinguem e do que determina cada posição. Em uma outra oportunidade trataremos destas questões.

Notas

1 O autor, no trabalho de 1980, formula assim a hipótese inacusativa: "enquanto um estrato transitivo contém um arco 1 e um arco 2 e um estrato intransitivo contém um arco 1, mas nenhum arco 2, existem verbos que contêm apenas um arco 2, mas nenhum arco 1", são os que ele chama de verbos inacusativos (cf. p. 208). Esses últimos caracterizam sentenças que no nível inicial não têm sujeito, só têm objeto. Eles diferem dos verbos intransitivos por esses caracterizarem sentenças que não têm objeto, só têm sujeito.

2 Os dados extraídos do Banco VARSUL podem ser assim identificados: FLP (região de Florianópolis), 18, o número da entrevista, 1. 582 é o número da linha em que se encontra o exemplo.

3 A proposta de Burzio (1986) de atribuição de Caso nominativo por CADEIA já foi discutida por muitos autores, e apresenta um problema dentro do modelo, a saber, existe uma barreira entre o atribuidor de Caso e o SN pós-verbal, o VP. Essa barreira impede que a flexão atribua Caso ao SN pós-verbal que está na posição de base de um verbo inacusativo, violando assim o Filtro do Caso. Esse problema já foi discutido por inúmeros autores; dentre eles, as propostas alternativas de Belletti (1988) e de Koopman e Sportiche (1988) merecem destaque.

4 Há evidências no PB de que a posição dos sintagmas à direita de verbos intransitivos é uma posição periférica, que recebe sintagmas deslocados, um fenômeno conhecido na literatura como deslocamento à direita, ou adjunção a VP.

5 Caso partitivo é um caso inerente, atribuído pelo verbo ao SN objeto, conjuntamente com uma função temática.

6 O fator traço de definitude do SN não será tratado de forma dicotômica, mas como o conjunto de cinco sub-fatores, relacionando os traços de definitude com os traços de especificidade, bem como evidenciando separadamente um fator que será tratado como SN *bare* (isto é, um SN nu, despojado de qualquer elemento lexical de definitude).

7 Resolvemos incluir nas funções BE/STAY os verbos existenciais, uma vez que não estavam contemplados na proposta de Jackendoff.

Referências Bibliográficas

- BELLETTI, A. The Case of Unaccusatives. *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 1, inverno 1988.
- BERLINCK, R de A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Campinas, UNICAMP, 1988. Dissertação de mestrado.
- BERLINCK, R. de A. A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. IN: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, Pontes, 1989.
- BERLINCK, R. de A. *La position du sujet en portugais: etude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Paris, 1995. Tese de doutorado.
- BURZIO, L. *Italian Syntax. A Government-Binding Approach*. Dordrecht, Reidel, 1986.
- CHOMSKY, N. *Lectures and Binding*. Dordrecht, Foris, 1981.
- JACKENDOFF, R. Toward an explanatory semantic representation. *Linguistic Inquiry*. Vol. 7, n. 1 p. 89-150, 1976.
- KATO & TARALLO. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. IN: KOCH e SCHLIEBELANGE (orgs). *Linguistik in Brasilien*. Tübingen, Niemeyer (no prelo)
- KATO & RAPOSO. European and Brazilian word order; questions, focus and topic constructions. *Comunicação no The XXIV LSRL*, Los Angeles, UCLA/USC, 1994
- KATO, M. et alli. Padrões de predicação no português falado no Brasil. IN: KATO (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol V: Convergências. São Paulo, Campinas. FAPESP- Unicamp, 1996.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LIMA, R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 30. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.
- LIRA, S. de. Subject postposition in Portuguese. *D.E.L.T.A.*, v 2, n. 1, 1986.
- LIRA, S. de. *The subject in Brazilian Portuguese*. Nova York, Peter Lang, 1996.
- MATEUS, M. H. M. et alli *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina, 1989.
- MIOTO, C. Linguística e ensino de Gramática. Palestra. Florianópolis, UFSC, 1994. (mimeo)
- NASCIMENTO, M. do. *Sur la postposition du sujet dans le Portugais du Brésil*. Université de Paris VIII, Doctorat de troisième cycle, 1984.
- PERLMUTTER, D. Evidence for Subject Downgrading in Portuguese IN: SCHMIDT_RADEFELDT (ed.) *Readings in Portuguese Linguistics*. Oxford, North-Holland Publishing Company, 1976.
- PERLMUTTER, D. Relational Grammar. IN: Moravcsik & Wirth (orgs.). *Current approaches to syntax*. New York, Academic Press, 1980.
- TARALLO, F. Por uma sociolinguística românica paramétrica: fonologia e sintaxe. *Ensaos de Linguística*. Vol. 13, p. 51-84, 1987
- TARALLO & KATO. Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística. *Predição* 5. Campinas, R. G., 1989.
- VOTRE & NARO. Inversão de sujeito na fala carioca. *Boletim da ABRALIM* n. 6, 1984.